

Notas

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LULISMO NO SÉTIMO CENTENÁRIO DE MIRAMAR

Em 17 de Outubro de 1276, o papa, que era o filósofo e médico Pedro Hispano Portugalense, eleito no mês anterior, tomando o nome de João XXI, subscrevia em Viterbo a bula «Laudanda tuorum progenitorum vestigia», endereçada ao rei Jaime II de Maiorca. O documento autorizava a erecção de uma escola onde treze franciscanos aprendessem a língua árabe, a fim de ficarem desse modo capazes de se dedicarem à evangelização dos Sarracenos, no Norte de África. Era este um desejo de Raimundo Lulo, que avisadamente considerara necessário o conhecimento da língua árabe para estabelecer frutuoso contacto com os Islamitas. Esse objectivo o levava a estudar também ele o árabe, língua em que escreveu parte dos seus numerosos livros que, em alguns casos, ele mesmo traduziu para a língua materna, o catalão, aquela que mais largamente utilizou. E várias vezes se aventurou a penetrar em terra de muçulmanos para tentar demonstrar-lhes a superioridade evangélica em confronto com a lei alcorânica.

A bula papal, solicitada pelo rei, constituiu primeiramente, para este, o reconhecimento, por parte da Santa Sé, do seu próprio reino de Maiorca, que lhe coube, por morte do pai, Jaime o Conquistador, falecido a 26 de Julho. Aos Frades Menores, a confirmação do Colégio de Miramar tornou possível empenharem-se, ao lado dos Dominicanos, no apostolado junto dos muçulmanos.

Não parece que esta escola missionária tivesse alcançado vida muito alargada, nem se encontra documentada notícia de quaisquer resultados obtidos pelos Franciscanos que lá estanciaram. A fundação, que o rei Jaime II dotara com um censo anual de quinhentos florins de ouro, não subsistiu durante muitos anos. Só hipóteses e deduções de razoável verosimilhança têm sido apontadas para explicar porque foi efémera a experiência de Miramar. Não sobreviveu sequer até ao fim do século, pois já na sua última década haviam dispersado os Minoritas, decaindo rapidamente a partir de 1292, decerto como consequência das longas ausências de Raimundo Lulo.

Verdade é também que este se não contentou com a iniciativa das Baleares. Foi a Roma pedir a abertura de colégios semelhantes ao de Miramar e fez diligências no mesmo sentido em Paris. No concílio de Viena de França, convocado pelo papa Clemente V, expôs de novo os seus propósitos quanto à instituição de três colégios de línguas, em Roma, Paris e Toledo, destinados a formar pregadores que evangelizassem judeus e muçulmanos, súbditos de príncipes cristãos.

Importante, porém, é o significado da intenção ali posta em obra e que em outros lugares da Europa haveria de ter sequência. Justamente se considera Miramar como prelúdio do instituto romano «De propaganda fide».

Por isso, a passagem de sete séculos sobre a bula de João XXI sugeriu ao reitor da «Maioricensis Schola Lullistica» de Palma de Maiorca, o Dr. Sebastián Garcías Palou, oportunidade propícia para o II Congresso Internacional de Lulismo.

Em 1960, um primeiro congresso idêntico reuniu na ilha mediterrânica altos vultos de lulistas e medievalistas. Na sessão de abertura de agora, o Dr. Garcías Palou, que é o infatigável animador daquele centro de estudos lulísticos, teve a sensibilizante lembrança de evocar o nome de quantos estiveram então em Maiorca e foram desaparecendo no decurso dos dezasseis anos de intervalo. O primeiro congresso lulístico, que teve lugar no outro extremo da ilha, em Formentor, não se prendera a rigorosa delimitação temática. Ao contrário, desta vez, todos os trabalhos apresentados foram definidos pela efeméride a comemorar.

À volta da evocação do sétimo centenário da escola de língua árabe estabelecida naquela encosta mediterrânica, apreciáveis estudos foram expostos e discutidos, em sessões que inteiramente ocuparam as manhãs e as tardes de toda a semana de 19 a 24 de Outubro de 1976, aligeirada somente por um dia intercalar para excursão às Cuevas de Drac, junto de Porto Cristo, do outro lado da ilha. Esse mesmo intervalo de passeio se concluiu ao fim da tarde na catedral de Palma, onde se acha sepultado o rei Jaime II.

As sessões solenes

Também em Palma de Maiorca, na basílica de S. Francisco, onde se encontram as relíquias de Raimundo Lulo, teve lugar a cerimónia religiosa inaugural do II Congresso Internacional de Lulismo, em 19 de Outubro.

A sessão solene de abertura foi celebrada, a seguir, na antiga Cartuxa de Valldemossa, onde falou primeiramente o Dr. Garcías Palou. Começou por relacionar os nomes de Deià e Valldemossa — localidades que o texto da bula de João XXI refere —, com o lulismo primitivo, situando Miramar no campo do diálogo cristão-islâmico do século XIII e dentro das instituições missionárias medievais. Definiu com palavras de Raimundo Lulo o espírito de Miramar, que significa a intenção de atingir a conquista do Islão não já pelas armas — que, conforme Lulo escreve, se gastam, quebram e enferrujam —, mas antes à maneira do cristianismo originário. Terminou dizendo que o espírito de Miramar se não extinguiu, mas pulsa ainda no actual Secretariado para as religiões não cristãs e teve força para convocar aquele II Congresso Internacional de Lulismo.

Ouviu-se, a seguir, o Prof. Miguel Cruz Hernández sobre «a fundação de Miramar e o sentido da sabedoria luliana», objecto de um capítulo da obra que então tinha em provas tipográficas, *El pensamiento de Ramon Llull*. A sessão terminou com a intervenção de Mons. José Ruyschaert, Vice-prefeito da Biblioteca Vaticana, que apresentou os dados recolhidos nos arquivos sobre

os esforços lulianos para obter a fundação de colégios de línguas greco-orientais e sobre as decisões do concílio de Viena de França, assim como sobre a execução destas.

A sessão solene de encerramento realizou-se na manhã de domingo, 24 de Outubro. Falou em primeiro lugar o Dr. Garcías Palou, que à volta do tema que é título de obra sua no prelo, *El Miramar de Ramon Llull*, discorreu acerca do nome de Miramar, a sua significação histórica e seus objectivos, a sua erecção para existência perpétua, seu espírito franciscano, o nome de «monasterium», o plano de estudos, a presença ali de Raimundo Lulo, a data e causas do seu desaparecimento, a duração de Miramar em confronto com os «studia linguarum» dominicanos do mesmo século XIII de Múrcia, Játiba, Valência e Barcelona.

Usaram também da palavra o Prof. Miguel Cruz Hernández e Mons. José Ruyschaert, que fez a clausura do congresso, como delegado da Santa Sé. O orador principal da sessão foi o Dr. Miquel Batllori, S. J., que examinou as relações entre Raimundo de Peñafort e Raimundo Lulo.

As sessões de trabalho

Uma meia centena de investigadores e especialistas de vários países da Europa, assim como da América e de nações árabes mediterrânicas, conseguiram trazer contributos valiosos e interessantes, não só para esclarecimento de problemas relacionados com o Colégio de Miramar e o Lulismo, mas também quanto a mais amplas questões, respeitantes à vida e cultura da Idade Média. Não menos valiosa foi a troca de pontos de vista entre estudiosos ocidentais e os representantes da civilização árabe, quanto às condições em que, no século XIII, seria possível o intercâmbio a que hoje se chamaria diálogo entre cristãos e muçulmanos. A indicação de alguns dos temas e dos nomes dos seus expositores deixará ver o que foi esta semana de trabalhos.

Panorâmica ampla dos problemas subjacentes à fundação de Miramar apresentou-a na primeira sessão o P. Georges Anawati, O. P., do Instituto Dominicano de Estudos Orientais do Cairo: «O encontro de duas culturas no Ocidente, na Idade Média — diálogo islamo-cristão e actividade missionária». A falta de tempo não permitiu que, logo após, se desenvolvesse troca de perspectivas com o Prof. Cheikh Bouamrane, da Universidade de Argel, que dias depois explanaria seus pontos de vista — um pouco diversos — sobre «Raimundo Lulo e o Islão do Magrebe», apontando as insuperáveis dificuldades do missionário cristão naquela época.

Com a fundação de Miramar põe-se a questão das línguas. Ali, parece tratar-se somente do árabe, mas mais tarde surgem o hebraico, o grego, o tartário, em vez do qual o concílio de Viena de França propõe o siríaco.

Do hebraico cultivado por gramáticos da Idade Média dissertou o Dr. Carlos del Valle Rodriguez. Em relação à língua árabe foram apresentadas várias conferências e comunicações, assim se acentuando o aspecto especial e dominante do Congresso. Apesar dos esforços dos Dominicanos, o conhecimento da língua árabe manteve-se como ponto fraco entre os missionários do século XIII e XIV. O Prof. Laureano Robles (Valência) falou do

«studium arabicum», proposto pelo capítulo dominicano de Toledo em 1250, como antecedente da iniciativa luliana. Aquilo que da utilização do árabe por parte dos cristãos latinos pensaram os próprios muçulmanos foi o que explicou com muita largueza o Dr. Dominique Urvoy (Toulouse), segundo o qual o problema maior está na concepção muçulmana do Corão, revelado por Deus «verbo tenuis» nesta mesma língua árabe.

A conferência do Prof. Eusébio Colomer, S. J., assim como a do Prof. Miquel Batllori, S. J. (esta, na sessão de clausura, como já ficou registado), puseram Lulo em contacto com os dominicanos catalães mais famosos da época, Ramon Martí e Ramon de Peñafort. O conselho eficaz de este e o exemplo do outro confirmaram Raimundo Lulo nos seus propósitos, formados desde o primeiro momento da conversão.

O Prof. Jaume Riera (Barcelona) referiu-se às licenças dadas pelo rei para que um cristão pudesse falar perante uma assembleia de judeus e muçulmanos, e recordou ter Lulo obtido essa autorização régia.

Um largo quadro geopolítico e geo-económico luliano traçou-o o Prof. Charles Dufourcq (Paris), com a análise da situação dos países mediterrânicos antes e depois da conquista do Islão; e o cômputo sobre os factos e conjecturas a respeito do ensino da língua árabe em Miramar foi realizado pelo Prof. Rudolf Brummer (Mogúncia).

O encontro entre as culturas latino-cristã e islâmica por parte dos missionários cristãos, assim como por parte de Raimundo Lulo, foi ditado unicamente pela intenção de converter os muçulmanos ao cristianismo, conforme salientou o Prof. Miguel Nicolau, S. J. (Salamanca).

Raimundo Lulo, todavia, empenhou-se na actividade missionária não só pela palavra viva mas também e principalmente pela palavra escrita. Este segundo propósito aspira a compor uma obra que seja o melhor livro apologetico do mundo. Por trás de este optimismo esconde-se a viva consciência de uma vocação missionária que Raimundo Lulo sempre considerou como uma revelação privada recebida de Deus. Tal vocação exige-lhe preparação séria, larga, profunda, apesar de rápida, pois Lulo tinha já uns trinta e dois anos. Foram-lhe indispensáveis estudos, não somente de línguas mortas, mas também das duas culturas, a cristã e a árabe. O estudo da língua e da cultura árabes fê-lo durante quase nove anos, com a colaboração de um árabe, e o estudo do latim e das ciências do Ocidente europeu — na opinião do Prof. Erhard-W. Platzeck, Moderador geral do Congresso — tê-la-ia realizado junto dos Dominicanos em Palma, porque não resta outra hipótese mais provável.

As ciências neutras de ligação entre o Ocidente cristão e o Ocidente islâmico foram sobretudo a medicina, o direito natural, e ainda uma filosofia que é mais o neoplatonismo que o aristotelismo de Averróis. Os Drs. José Maria Rodriguez Tejerina e José Maria Sevilla Marcos dedicaram as suas comunicações à medicina medieval, procurando reconstituir as concepções médicas de Raimundo Lulo na época de Miramar.

Quanto à filosofia, o Prof. Jorge Gracia (State University of New York at Bufalo) insistiu com razão no facto de que a intenção filosófica de Lulo tem de ser entendida sobretudo do ponto de vista missionário. A filosofia luliana, contudo, baseia-se essencialmente na lógica, ou melhor, em uma

lógica real e transcendental. Há que fazer a abstracção dos aspectos logicamente fundamentais das coisas reais. Os conceitos humanos têm de concordar com o mundo real. Assim, só uma lógica de conceitos e não de palavras tem sua razão de ser. Em uma comunicação sobre a *Ars notatoria*, o Dr. Jordi Gayà Estelrich tentou explicar este escrito, algo duvidoso quanto à sua autenticidade, como uma antecipação da moderna lógica simbólica, quer dizer, com um sentido estritamente formal. Lembre-se que o fundamento principal da lógica luliana é constituído pelos aspectos comuníssimos das coisas transcendentalmente atribuíveis a Deus, o Criador, e de aí o axioma: «Causatum causae simile». Aqui se patenteia a raiz augustiniana do pensamento luliano — de que falou o Dr. Benito Mendiá, O. F. M. — o que aponta para os princípios absolutos, ou seja, para as dignidades divinas na arte luliana. A seguir vem o método combinatório, que se encontra já no quarto livro da *Contemplació en Déu*, e depois os princípios relativos, esporadicamente referidos nesta obra, onde igualmente são aduzidos os correlativos. Deste modo se exprime o conceito luliano da relação em geral, assim como o dinamismo doutrinário de Raimundo. Também a doutrina das duas intenções reais se nota já no *Libre de Contemplació en Déu*. O Prof. Charles Lohr (Freiburg i. Br.) alargou a sua interessante comunicação a outros aspectos da Lógica luliana com relação ao filósofo sufí Ibn Sab'in. No sumário geral dos contributos aduzidos pelo congresso, apresentado na última sessão de trabalho, o Moderador Geral, Prof. Platzeck, comentando a parte relativa à obra lógica de Raimundo Lulo, chamou a atenção para a referência que o Prof. Cruz Hernández, na sua *Historia de la filosofía hispano-musulmana* (Vol. II, Madrid, 1957, p. 309), faz a Louis Massignon, segundo o qual a representação de certas ideias simbólicas por meio de letras, que Lulo usa, não tem origem cabalística — conforme às vezes se lê e o próprio Prof. Platzeck lembrou ter também ele mesmo afirmado há catorze anos — mas são, sim, de proveniência grego-gnóstica. Contudo, aquilo que Lulo realizou com estas combinações de letras, em vez de conceitos, não diz respeito a um simbolismo poético-literário ou religioso, mas é já um problema de estrita lógica combinatória.

Qual, de entre as duas centenas e meia de obras de Lulo será, porém, o melhor livro do mundo, que ele desejava escrever? O *Libre del gentil e dels tres savis*, de que se ocupou Anthony Bonner (Bolseiro da Fundação Gugenheim) é muito diferente do método combinatório, pois em vez de utilizar combinações de letras recorre a uma sistematização por figuras de árvores. Talvez haja de procurar-se a resposta na primeira redacção da *Ars maior*, dois anos antes da fundação de Miramar, pois esta é uma obra cujas motivações apologéticas se não podem negar. O melhor livro do mundo de Raimundo Lulo teria de ser um livro apologético baseado em um método discursivo e dentro de um espírito estrita e religiosamente contemplativo, como o Prof. Platzeck considerou, expondo a essência da contemplação religiosa segundo Raimundo Lulo na época de 1271-1276.

Não ficam aqui registados todos os títulos das conferências e comunicações, nem nomeados todos os seus autores. Impossível seria alongarmo-nos em maior pormenorização e, mais ainda, tentar o relato de alguns dos interessantes diálogos que a maior parte das exposições suscitou.

A participação portuguesa

Os dois portugueses participantes, convidados pela «Maioricensis Schola Lullistica», foram distinguidos com a presidência de sessões de trabalho, que cada um deles orientou.

O erudito jesuíta Mário Martins apresentou uma comunicação sobre «o espírito de Miramar no Libre de Blanquerna», uma espécie de novela, em parte autobiográfica, que descreve uma utópica organização da paz cristã numa sociedade organizada em comunidade universal.

Coube-nos, em representação de Coimbra, expor os resultados de pesquisas realizadas sobre a influência de Raimundo Lulo na cultura medieval portuguesa, mostrando que as relações entre o Colégio de Miramar e Portugal não consistiram somente na intervenção de um papa português, João XXI, ao assinar a bula de aprovação. O conteúdo do *Livro da Corte Enperial*, redigido com a utilização de textos lulianos nos fins do século XIV ou princípios do século XV, em forma de fantasiada disputa teatral entre gentios, judeus, gregos e muçulmanos, com a Igreja católica, personificada em uma rainha, coloca-o dentro do espírito e das intenções que presidiram à fundação do Colégio das Baleares. Na parte especialmente destinada à argumentação voltada para os muçulmanos, não pode deixar de ter-se como provável que o anónimo redactor desta obra em vernáculo pensasse na polémica religiosa com os islamitas do Norte de África. O *Livro da Corte Enperial* destinara-se, assim, a preparar os missionários que embarcavam com os marinheiros das viagens iniciadas em Quatrocentos.

Recordando a semana do Congresso em Maiorca, cujas sessões se desenvolveram no salão de um hotel, à vista mesmo do local onde há sete séculos foi implantado o Colégio de Miramar, não pode deixar de exprimir-se grande apreço pela actividade do principal obreiro deste conclave científico, o Dr. Sebastián Garcías Palou, Reitor da «Maioricensis Schola Lullistica», e do secretário geral, Dr. Jordi Gayà Estelrich, que o acompanha em entusiasmo pela figura e obra de Raimundo Lulo. Quando, após a publicação das Actas do Congresso, os seus resultados forem acrescentados ao conjunto tão vasto dos estudos lulianos, o «status quaestionis» dos problemas que ainda se encontram propostos ao trabalho dos investigadores terá já uma nova configuração.

J. M. DA CRUZ PONTES